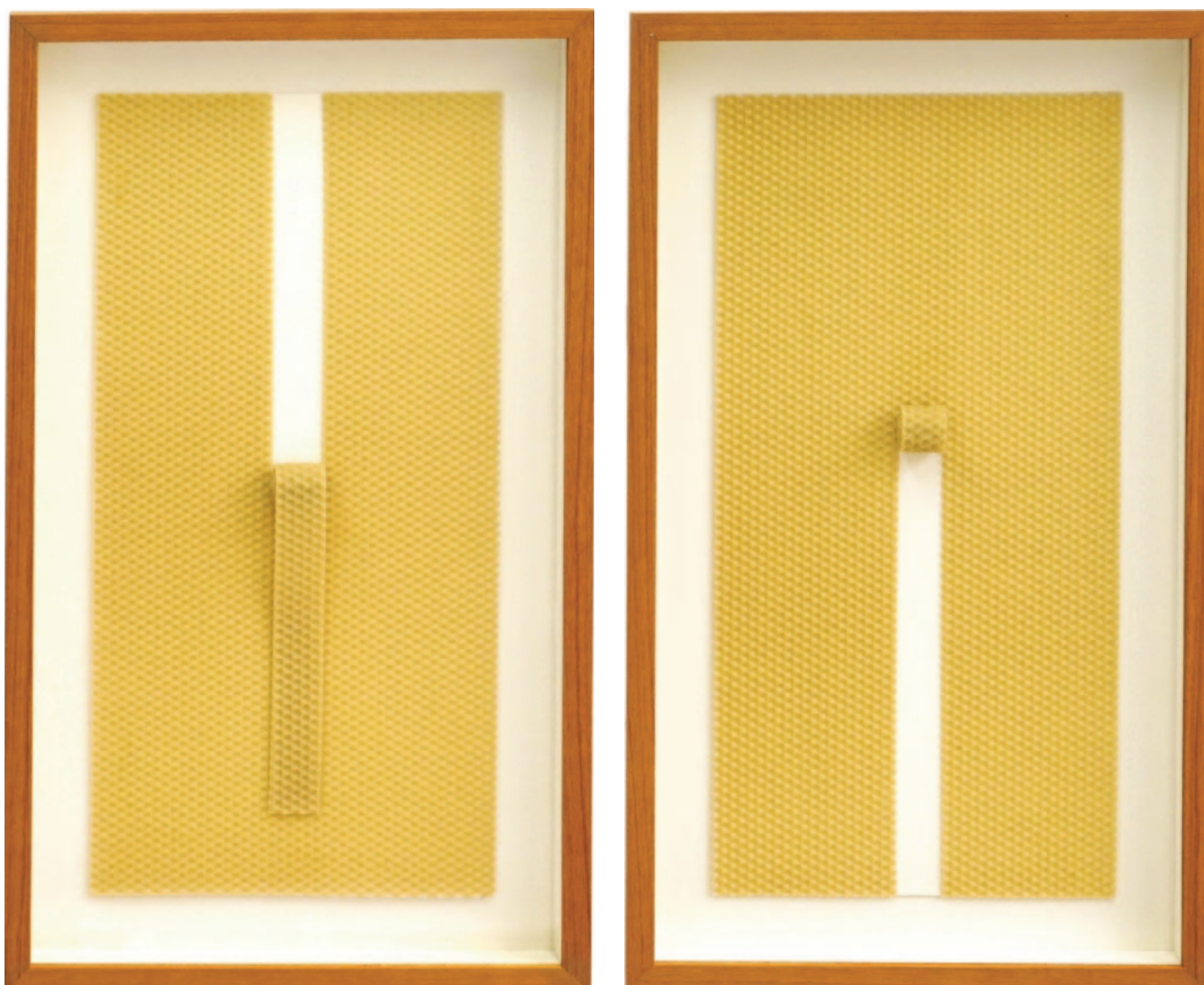


Mel, cera e própolis ganham dimensão artística na inédita exposição “PRO-POLIS”, de RICARDO SIRI



*Mel Concreto 02 (diptico)*

Foto: Divulgação

*Mostra no Museu Histórico da Cidade reúne aproximadamente 20 obras produzidas com materiais das abelhas e investiga as relações entre natureza, tecnologia, território e criação coletiva*

Há uns oito anos, o artista transdisciplinar Ricardo Siri iniciou uma pesquisa sobre as abelhas nativas brasileiras – que o levou, também, à meliponicultura. A dedicação rendeu reconhecimento fora do circuito das artes – o que incluiu o prêmio de terceiro melhor mel do Brasil – e que passou a influenciar profundamente sua produção artística. O resultado dessa investigação é apresentado pela primeira vez na exposição “PRO-POLIS”, em cartaz no Museu Histórico da Cidade, na Gávea, no Rio de Janeiro.

Com curadoria de Fernanda Lopes, a mostra reúne aproximadamente 20 obras inéditas, entre pinturas, esculturas e instalações, produzidas com mel, cera de abelha, própolis e geoprópolis. “Os trabalhos estabelecem uma ponte entre natureza, cidade e cultura, revelando processos invisíveis de construção coletiva, proteção e transformação”, afirma o artista.

Para a curadora, a exposição propõe uma reflexão sobre as formas de coexistência presentes tanto no uni-

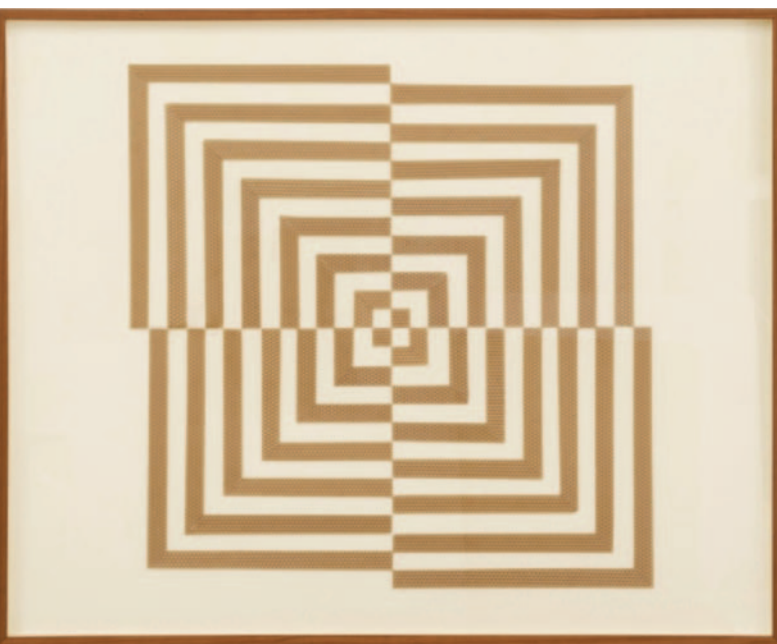
verso das abelhas quanto na vida em sociedade. “Em PRO-POLIS, Ricardo Siri transforma materiais produzidos pelas abelhas em dispositivos de pensamento. Seu interesse não está em representar a natureza, mas em trabalhar a partir dela. Mel, cera e própolis carregam histórias, geografias e relações ecológicas complexas”, observa Fernanda Lopes.

A própolis – substância utilizada pelas abelhas para proteger e imunizar a colmeia – torna-se matéria pictórica em uma série de obras abstratas. De modo geral associada à defesa do enxame, ela é transformada em pintura, criando superfícies orgânicas com tonalidades naturais que variam entre marrom, verde e vermelho.

“Nas pinturas, a própolis atua simultaneamente como matéria, cor e arquivo. Produzida a partir de resinas coletadas pelas abelhas em diferentes paisagens, traz para a superfície da obra vestígios de territórios, vegetações e ciclos naturais”, explica a curadora. Algumas

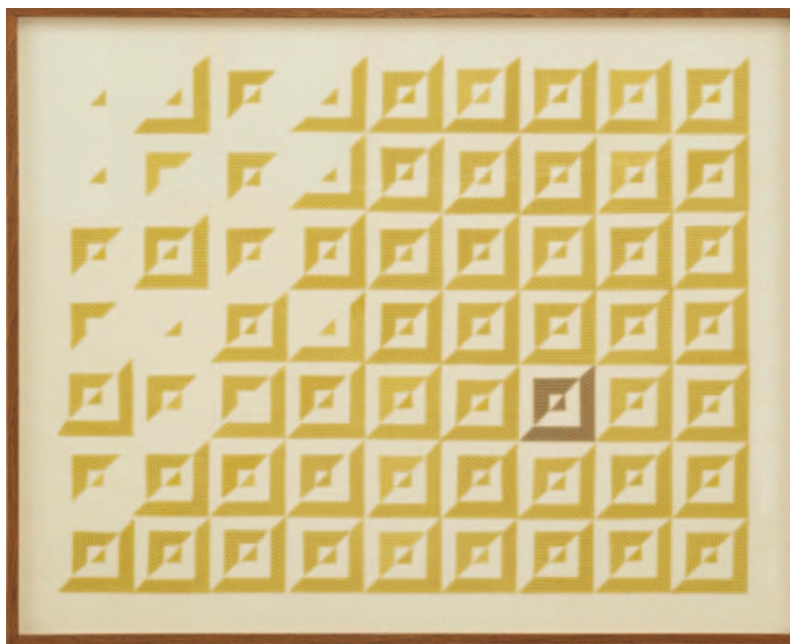
Estudos para Movimento Mel Concreto 19, 2023

Foto: Divulgação



Estudos para Movimento Mel Concreto 18, 2023

Foto: Divulgação



peças incorporam também geoprópolis – mistura de terra e própolis produzida por espécies como a manducaia – ampliando o diálogo entre arte, território e biologia. *“Esses materiais revelam texturas, transparências e densidades próprias, trazendo para o campo da arte uma matéria viva que carrega a memória vegetal das paisagens visitadas pelas abelhas”*, acrescenta Siri.

A pesquisa se estende ainda à geometria das colmeias. Em uma série intitulada *“Estudos para Mel Concreto”*, o artista cria composições a partir de folhas de cera de abelha moldadas em estruturas hexagonais, em referência ao Movimento Neoconcreto. *“Derreto a cera, transformo-a em folhas e utilizo um alveolador para criar a textura hexagonal. O resultado são estruturas rigorosamente matemáticas. De certa forma, todos os trabalhos falam de geometria, porque as abelhas são extremamente geométricas”*, afirma Siri, que também é formado em engenharia civil.

O diálogo com a história da arte aparece ainda na série *“Meldrian”*, inspirada na obra de Piet Mondrian. Nessas peças, o artista recria as formas e composições do pintor holandês utilizando exclusivamente cera de abelha e mel *in natura*. As diferentes tonalidades surgem naturalmente, sem adição de pigmentos, resultado das características de cada espécie de abelha e até de variações observadas dentro de uma mesma colmeia.

A tecnologia também integra a exposição. Utilizando folhas de cera de abelha, Siri criou *QR codes* plenamente funcionais, que podem ser lidos por celulares – e que conduzem o visitante ao interior das colmeias,



*Meldrian 13B*

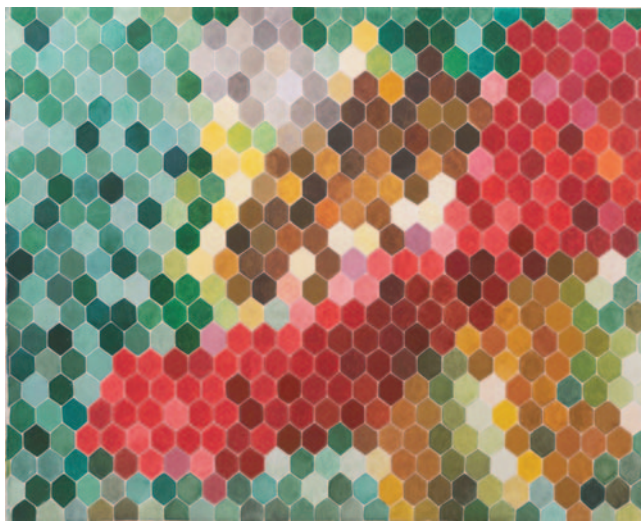
Foto: Divulgação

oferecendo informações sobre as espécies responsáveis pela produção daquele material.

O recurso aparece ainda em pinturas inspiradas na arquitetura dos favos, executadas com própolis e pigmentos naturais extraídos de flores e plantas do quintal do artista – como bougainville, urucum e café –, todas polinizadas pelas próprias abelhas. À primeira vista, o público enxerga apenas padrões hexagonais coloridos; ao fotografá-los, porém, surgem imagens como flores e abelhas, ampliando a experiência visual. *“As pessoas passam muito tempo olhando para o celular nas exposições. Resolvi transformar esse hábito em uma*

*Jardins Polinizados*

Foto: Divulgação





*Africanizada, 2023*

Foto: Divulgação

*forma de despertar a atenção para a obra e, de certa maneira, polinizar as pessoas”, comenta o artista.*

Grande parte dos materiais utilizados provêm do meliponário mantido pelo artista, dedicado às melíponas, as abelhas nativas brasileiras. Mas a mostra também presta homenagem às espécies exóticas presentes no país. Em obras que reproduzem mapas-múndi com cera produzida por abelhas estrangeiras, Siri estabelece um paralelo entre os fluxos migratórios desses insetos e os deslocamentos humanos, e que inclui a história de seus próprios avós imigrantes. *“Esses mapas falam sobre migração e também são uma homenagem a essas abelhas, porque acredito que elas também têm seu lugar”, afirma.*

Completam a exposição esculturas em formato de colmos, confeccionadas com corda e cera de abelha, des-

dobramento de uma pesquisa de longa data do artista sobre ninhos e estruturas naturais. Em conjunto, as obras revelam uma prática que aproxima arte, ciência e ecologia, propondo novas formas de perceber a inteligência coletiva e os processos de transformação presentes no mundo natural.

#### **SOBRE O ARTISTA**

Ricardo Siri é artista transdisciplinar, músico, compositor e meliponicultor. Formou-se na *Los Angeles Music School* em 2000 e lançou sete álbuns autorais; e recebeu, em 2010, o Prêmio da Música Brasileira pelo álbum *Ultrasom*. A partir de suas experiências na música e na performance, expandiu sua atuação para as artes visuais, realizando exposições e apresentações no Brasil e no exterior, em instituições como o *Victoria and Albert Museum* (Londres), a *NBK Gallery* (Berlim) e a *Portikus* (Frankfurt). Sua produção reúne natureza, tec-

nologia e pesquisa sobre organismos vivos para criar esculturas, instalações e experiências sensoriais que aproximam o orgânico e o urbano.

### **SOBRE A CURADORA**

Crítica de arte, curadora e pesquisadora, Fernanda Lopes é doutora em História e Crítica de Arte pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Foi diretora artística da Galeria Athena (2022-2024), curadora adjunta do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2016-2020) e curadora associada em artes visuais do Centro Cultural São Paulo (2010-2012). É autora de importantes publi-

cações sobre arte brasileira e realizou curadorias de destaque, como a Sala Especial do Grupo Rex na 29ª Bienal de São Paulo e a exposição *Maria Martins: desejo imaginante*, no Masp, em 2021.

### **SERVIÇO**

***“PRO-POLIS”, de Ricardo Siri***

Até 22 de agosto

*Museu Histórico da Cidade (MHC) – 3º andar*

Estrada Santa Marinha, s/n, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

*Dias/Horários: terça a domingo, das 9h às 16h*

Entrada gratuita



QR Code 03  
Foto: Divulgação